Corporificação do grande Outro

Henio Segura Urtado
Faculdade Cásper Líbero

OBJETIVOS

O artigo visa investigar o fenômeno da ciber-socialidade. Para tanto o conceito lacaniano de grande Outro, atualizado por Slavoj Zizek, será empreendido em conjunto com uma análise sob o viés do materialismo histórico e dialético. Com isso o objeto será exposto em dois níveis de funcionamento: simbólico e estrutural.

Palavras-chave: ciber-socialidade; grande Outro; materialismo histórico e dialético; Slavoj Zizek.

RESUMO EXPANDIDO

O conceito de grande Outro se justifica por elucidar como opera um *ethos* específico da rede que acaba por condicionar as interações. Modo de ser constituído por um duplo que se confunde: *imperativos categóricos* decorrentes da própria *forma estruturante* da rede. Por exemplo: a arquitetura da informação, no caso do *Facebook*, induz conexões, mas os perfis requerem uma especificidade simbólica. Os critérios dessa filtragem passam pelo registro do grande Outro que, por sua vez, é refletido pelos signos dos usuários. Para além da tentativa de mera representação do sujeito, eles se configuram como uma projeção. Não só como uma *persona*, mas como integrante de um universo simbólico específico. Portanto, esses signos são da mesma ordem das aparências pela qual o grande Outro é o legislador responsável. São condição primária para conferir legitimidade ao horizonte de significações do sujeito.

Entretanto, a base do processo, reconhecimento de si e do outro, é anterior ao evento das redes sociais. O que se coloca em questão é justamente a forma da ciber-socialidade, reconhecendo-a, inclusive, como nova forma predominante. Uma de suas características é a de um ritmo peculiar que acompanha o da identificação e da tecnologia. Um lampejo de familiaridade já basta tanto quanto um clique. São relações constituídas a partir da própria ignição e não, exclusivamente, do desenvolvimento. São levados em conta quais são os signos em comum, priorizados aqueles de maior apelo estético. Embora a conexão seja tênue, ata com a mesma facilidade que desata, nem por isso é mais ou menos falso.

É sobretudo produto do paradigma perceptivo da hipermodernidade. A síntese do ser pelos traços mais identificáveis e impactantes. Uma estética alinhada aos modos de

produção. Não por menos, a nossa capacidade de codificação e decodificação é compatível com a velocidade da rede. Mas tudo isso tem uma origem localizável no processo histórico conhecido como modernidade. O ritmo veloz da produção material em larga escala foi internalizado pela percepção humana. É, como denominado por Ben Singer, o hiperestímulo. O que se torna inclusive uma questão semiótica: o ser humano assimila um parâmetro sobre-humano e o normatiza; o que é percebido no ambiente externo logo é incorporado e traduzido em técnica. Esse aparente caos digno de uma megalópole é justamente o seu oposto. Mesmo o que nasce da técnica e dela escapa, acaba sendo recapturado por ela.

"A cibercultura é a socialidade como prática da tecnologia"[1]. Assim a ciber-socialidade, fruto da hipermodernidade, é uma socialização tecnizada. Sua produção em larga escala só não é massiva porque é *on demand*. Signos de si especialmente elaborados para corresponderem às coordenadas do desejo de um grande Outro. Por isso é conferida a estética uma função para além do sublime. Os signos dos sujeitos precisam se sobressair em um movimento compensatório da multiplicidade. Lógica, não por acaso, de cunho similar ao mercadológico. Várias marcas disputam entre si pela atenção do consumidor e ganha aquela com uma identidade própria mais bem composta.

"O que se estrutura do sujeito passa sempre pela intermediação do mecanismo que faz com que seu desejo já seja, como tal, moldado pelas condições da demanda"[2]. No caso da cibercultura, sobre tais condições vigora o próprio regimento da rede. Assim como sua mecânica se estabelece por conexões, as relações intra-subjetivas correspondem a mesma inclinação. O que é requerido a nível simbólico se engendra primeiro na lógica de funcionamento interno da rede. Portanto, a velocidade das operações dos algoritmos, por exemplo, tem seu par simbólico no engajamento pela familiaridade. Pois, nada gera uma identificação mais imediata do que o recorrente. É isso que Maffesoli conceitua como "tribalismo" na rede. Em termos de midiatização, é esperado que a cibersocialidade seja a forma imperativa nos relacionamentos "dentro e fora" da rede. Embora, seja importante enfatizar, que a separação entre "mundo virtual" e "mundo real", como é chamado vulgarmente, já se encontra obsoleta.

[1]2 (LEMOS, 2004, p. 89)
(LACAN, 1999, p.282)

Referências

BAUDRILLARD, Jean. ***Simulacros e simulação***. 1. ed. Lisboa: Relógio d'Água Editores Lda, 1991.

BENJAMIM, Walter. ***A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica***. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2013.

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ**,** Vanessa. ***O cinema e a invenção da vida moderna***. 1. ed. São Paulo: Cosac & Naif, 2001. Artigo: **SINGER**, Ben. ***Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular***.

HEIDEGGER, Martin. ***Ser e tempo***. 7 .ed. São Paulo: Editora Vozes LTDA, 2012.

KAUFAMNN, Pierre. ***Dicionário enciclopédico de psicanálise: O legado de Freud e Lacan***. 1.ed . Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. ***As formações do inconsciente***. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LEMOS, André. ***Arte eletrônica e Cibercultura***. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n°6, junho. 1997.

LEMOS, André. ***Tecnologia e vida social na cultura contemporânea***. 2. ed. Sulina: Porto Alegre, 2004.

LÉVY, Pierre. ***Cibercultura***. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. ***A cultura-mundo: Resposta a uma sociedade desorientada.*** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. ***Corpo e comunicação: Sintoma da cultura***. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. ***Navegar no ciberespaço: O perfil cognitivo do leitor imersivo***. 1. ed.

São Paulo: ComunicAção, 2004.

ŽIŽEK, Slavoj. ***Como ler Lacan***. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. ***A Realidade do Virtual***. 2004. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M4HdqlwVDpk. Último acesso em 03/10/2016.

ŽIŽEK, Slavoj. ***The Big Other and the Event of Subjectivity***. 2012. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=7aYDwHNlmb4. Último acesso em 03/10/2016.